

**TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:**

Não era feio o lugar, mas não era belo. Tinha, entretanto, o aspecto tranquilo e satisfeito de quem se julga bem com a sua sorte.

A casa erguia-se sobre um socalco, uma espécie de degrau, formando a subida para a maior altura de uma pequena colina que lhe corria nos fundos. Em frente, por entre os bambus da cerca, olhava uma planície a morrer nas montanhas que se viam ao longe; um regato de águas paradas e sujas cortava-as paralelamente à testada da casa; mais adiante, o trem passava vincando a planície com a fita clara de sua linha campinada [...].

BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras. p.175.

**01** | No excerto, narração e descrição

- A** são elaboradas com a finalidade de conferir mais agilidade e maior dinamismo à trama do romance.
- B** são elaboradas de modo que uma se sobrepõe à outra, o que faz decair a qualidade estética do texto.
- C** se configuram para melhor caracterizar a atmosfera pessimista e sombria do espaço da narrativa.
- D** se entrelaçam para melhor situar o leitor diante dos eventos que compõem o enredo.

**02** | Com relação ao tempo narrativo, nota-se que a utilização do pretérito imperfeito

- A** aproxima o material narrado do universo contemporâneo do leitor.
- B** confere ao texto um caráter dual, que oscila entre o lírico e o metafórico.

- C** faz com que o tempo da narrativa se distancie, até certo ponto, do tempo do leitor.
- D** torna o texto mais denso de significação, na medida em que institui lacunas temporais.

**TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 4 QUESTÕES:****A PRESSA DE ACABAR**

Evidentemente nós sofremos agora em todo o mundo de uma dolorosa moléstia: a pressa de acabar. Os nossos avós nunca tinham pressa. Ao contrário. Adiar, aumentar, era para eles a suprema delícia. Como os relógios, nesses tempos remotos, não eram maravilhas de precisão, os <sup>1</sup>homens mediam os dias com todo o cuidado da atenção.

Sim! Em tudo, <sup>2</sup>essa estranha pressa de acabar se ostenta como a marca do século. Não há mais livros definitivos, quadros destinados a não morrer, ideias imortais. Trabalha-se muito mais, pensa-se muito mais, ama-se mesmo muito mais, apenas sem fazer a digestão e sem ter tempo de a fazer.

Antigamente as horas eram entidades que os homens conheciam imperfeitamente. Calcular a passagem das horas era tão complicado como calcular a passagem dos dias. <sup>3</sup>Inventavam-se relógios de todos os moldes e formas.

<sup>4</sup>Hoje, nós somos escravos das horas, dessas senhoras inexoráveis\* que não cedem nunca e cortam o dia da gente numa triste migalhar de minutos e segundos. Cada hora é para nós distinta, pessoal, característica, porque cada hora representa para nós o acúmulo de várias coisas que nós temos pressa de acabar. O relógio era um objeto de luxo. Hoje até os mendigos usam um marcador de horas, porque têm pressa, pressa de acabar.



O homem mesmo será classificado, afirmo eu já com pressa, como o *Homus cinematographicus*.<sup>5</sup>Nós somos uma delirante sucessão de fitas cinematográficas. Em meia hora de sessão tem-se um espetáculo multiforme e assustador cujo título geral é: *Precisamos acabar depressa*.

<sup>6</sup>O homem de agora é como a multidão: ativo e imediato. Não pensa, faz; não pergunta, obra; não reflete, julga.

<sup>7</sup>O homem cinematográfico resolveu a suprema insanidade: encher o tempo, atopetar o tempo, abarrotar o tempo, paralisar o tempo para chegar antes dele. Todos os dias (dias em que ele não vê a beleza do sol ou do céu e a doçura das árvores porque não tem tempo, diariamente, nesse número de horas retalhadas em minutos e segundos que uma população de relógios marca, registra e desfia), o pobre diabo <sup>8</sup>sua, labuta, desespera com os olhos fitos nesse hipotético poste de chegada que é a miragem da ilusão.

Uns acabam pensando que encheram o tempo, que o mataram de vez. Outros desesperados vão para o hospício ou para os cemitérios. A corrida continua. E o Tempo também, o Tempo insensível e incomensurável, o Tempo infinito para o qual todo o esforço é inútil, o Tempo que não acaba nunca! É satanicamente doloroso. Mas que fazer?

RIO, João do. Adaptado de *Cinematógrafo: crônicas cariocas*. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

\* inexoráveis – que não cedem, implacáveis

**03 | essa estranha pressa de acabar se ostenta como a marca do século.** (ref. 2)

O trecho acima contém o eixo temático da crônica escrita por João do Rio em 1909.

Na construção da opinião presente nesse trecho, é possível identificar um procedimento de:

- A** negação
- B** dedução
- C** gradação
- D** generalização

**04 | Nós somos uma delirante sucessão de fitas cinematográficas.** (ref. 5)

Ao comparar os seres humanos com filmes, o autor estabelece uma crítica.

No contexto, essa crítica pode ser sintetizada pelo seguinte termo:

- A** insubordinação das hierarquias
- B** coisificação das pessoas
- C** arrogância desmedida
- D** intolerância moral

**05 | Hoje, nós somos escravos das horas, dessas senhoras inexoráveis que não cedem nunca** (ref. 4)

Neste fragmento, o autor emprega uma figura de linguagem para expressar o embate entre o homem e o tempo.

Essa figura de linguagem é conhecida como:

- A** ironia
- B** hipérbole
- C** eufemismo
- D** personificação

**06 | O homem cinematográfico resolveu a suprema insanidade: encher o tempo, atopetar o tempo, abarrotar o tempo, paralisar o tempo para chegar antes dele.** (ref. 7)

De acordo com a leitura global do texto, o autor caracteriza a tentativa de controlar o tempo como “suprema insanidade”, porque se trata de uma tarefa que não está ao alcance do homem.

O trecho que melhor expõe a insanidade dessa tentativa é:

- A** homens mediam os dias com todo o cuidado da atenção. (ref. 1)
- B** Inventavam-se relógios de todos os moldes e formas. (ref. 3)
- C** O homem de agora é como a multidão: ativo e imediato. (ref. 6)
- D** sua, labuta, desespera com os olhos fitos nesse hipotético poste (ref. 8)


**TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 6 QUESTÕES:**
**Recordações do escrivão Isaías Caminha**

Eu não sou literato, detesto com toda a paixão essa espécie de animal. O que observei neles, no tempo em que estive na redação do *O Globo*, foi o bastante para não os amar, nem os imitar. <sup>1</sup>São em geral de uma lastimável limitação de ideias, cheios de fórmulas, de receitas, <sup>9</sup>só capazes de colher fatos detalhados e impotentes para generalizar, curvados aos fortes e às ideias vencedoras, e antigas, adstritos a um infantil fetichismo do estilo e guiados por conceitos obsoletos e um pueril e errôneo critério de beleza. Se me esforço por fazê-lo literário é para que ele possa ser lido, pois quero falar das minhas dores e dos meus sofrimentos ao espírito geral e no seu interesse, com a linguagem acessível a ele. É esse o meu propósito, o meu único propósito. Não nego que para isso tenha procurado modelos e normas. Procurei-os, confesso; e, agora mesmo, ao alcance das mãos, tenho os autores que mais amo. (...) <sup>5</sup>Confesso que os leio, que os estudo, que procuro descobrir nos grandes romancistas o segredo de fazer. <sup>6</sup>Mas não é a ambição literária que me move ao procurar esse dom misterioso para animar e fazer viver estas pálidas *Recordações*. Com elas, queria modificar a opinião dos meus concidadãos, obrigá-los a pensar de outro modo, a não se encherem de hostilidade e má vontade quando encontrarem na vida um rapaz como eu e com os desejos que tinha há dez anos passados. Tento mostrar que são legítimos e, se não merecedores de apoio, pelo menos dignos de indiferença.

<sup>7</sup>Entretanto, quantas dores, quantas angústias! <sup>2</sup>Vivo aqui só, isto é, sem relações intelectuais de qualquer ordem. Cercam-me dois ou três bacharéis idiotas e um médico mezinheiro, <sup>10</sup>repletos de orgulho de suas cartas que sabe Deus como tiraram. (...) Entretanto, se eu amanhã lhes fosse falar neste livro — que espanto! que sarcasmo! que crítica desanimadora não fariam. Depois que se foi o doutor Graciliano, excepcionalmente simples e esquecido de sua carta apergaminhada, nada digo das minhas leituras, não falo das minhas lucubrações intelectuais a ninguém, e minha mulher, quando me demoro escrevendo pela noite afora, grita-me do quarto:

<sup>3</sup>— Vem dormir, Isaías! Deixa esse relatório para amanhã!

De forma que não tenho por onde aferir se as minhas *Recordações* preenchem o fim a que as destino; se a minha inabilidade literária está prejudicando completamente o seu pensamento. Que tortura! E não é só isso: envergonho-me por esta ou aquela passagem em que me acho, em que <sup>11</sup>me dispo em frente de desconhecidos, como uma mulher pública... <sup>12</sup>Sofro assim de tantos modos, por causa desta obra, que julgo que esse mal-estar, com que às vezes acordo, vem dela, unicamente dela. Quero abandoná-la; mas não posso absolutamente. De manhã, ao almoço, na coletoria, na botica, jantando, banhando-me, só penso nela. À noite, quando todos em casa se vão recolhendo, insensivelmente aproximamo-me da mesa e escrevo furiosamente. Estou no sexto capítulo e ainda não me preocupei em fazê-la pública, anunciar e arranjar um bom recebimento dos detentores da opinião nacional. <sup>13</sup>Que ela tenha a sorte que merecer, mas que possa também, amanhã ou daqui a séculos, despertar um escritor mais hábil que a refaça e que diga o que não pude nem soube dizer.

(...) <sup>8</sup>Imagino como um escritor hábil não saberia dizer o que eu senti lá dentro. Eu que sofri e pensei não o sei narrar. <sup>4</sup>Já por duas vezes, tentei escrever; mas, relendo a página, achei-a incolor, comum, e, sobretudo, pouco expressiva do que eu de fato tinha sentido.

LIMA BARRETO

*Recordações do escrivão Isaías Caminha*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010.

**07** | Na descrição de sua situação e de seus sentimentos, o narrador utiliza diversos recursos coesivos, dentre eles o da adição. O fragmento do texto que exemplifica o recurso da adição está em:

- A** repletos de orgulho de suas cartas que sabe Deus como tiraram. (ref. 10)
- B** me dispo em frente de desconhecidos, como uma mulher pública... (ref. 11)
- C** Sofro assim de tantos modos, por causa desta obra, que julgo que esse mal-estar, com que às vezes acordo, vem dela, (ref. 12)
- D** Que ela tenha a sorte que merecer, mas que possa também, amanhã ou daqui a séculos, despertar um escritor mais hábil (ref. 13)



**08** | O personagem Isaías Caminha faz críticas àqueles que ele denomina “literatos”. No primeiro parágrafo, podemos entender que os chamados literatos são escritores com a característica de:

- A** carecer de bons leitores
- B** negar o talento individual
- C** repetir regras consagradas
- D** apresentar erros de escrita

**09** | *só capazes de colher fatos detalhados e impo-*  
*tes para generalizar,* (ref. 9)

Esse trecho se refere à utilização do seguinte método de argumentação:

- A** indutivo
- B** dedutivo
- C** dialético
- D** silogístico

**10** | O emprego de sinais de pontuação contribui para a construção do sentido dos textos. O emprego de exclamações, no segundo parágrafo, reforça o seguinte elemento relativo ao narrador:

- A** ironia
- B** mágoa
- C** timidez
- D** insegurança

**11** | O texto de Lima Barreto explora o recurso da metalinguagem, ao comentar, na sua ficção, o próprio ato de compor uma ficção. Esse recurso está exemplificado principalmente em:

- A** São em geral de uma lastimável limitação de ideias, (ref. 1)
- B** Vivo aqui só, isto é, sem relações intelectuais de qualquer ordem. (ref. 2)
- C** – Vem dormir, Isaías! Deixa esse relatório para amanhã! (ref. 3)
- D** Já por duas vezes, tentei escrever; mas, relendo a página, achei-a incolor, comum, (ref. 4)

**12** | O personagem parece julgar quase todos que o rodeiam, mas não se exime de julgar também a si mesmo. Um julgamento autocrítico de Isaías Caminha está melhor ilustrado no seguinte trecho:

- A** Confesso que os leio, que os estudo, (ref. 5)
- B** Mas não é a ambição literária que me move (ref. 6)
- C** Entretanto, quantas dores, quantas angústias! (ref. 7)
- D** Imagino como um escritor hábil não saberia dizer o que eu senti (ref. 8)

## GABARITO

**01** | **D**

O romance “Triste fim de Policarpo Quaresma” é narrado em terceira pessoa, conta as agruras da vida de Policarpo no período que se segue à Proclamação da República no Brasil, com detalhes descritivos que permitem analisar sociologicamente esse momento. O tempo da narrativa é cronológico, pois os fatos são apresentados em sua sequência temporal e as descrições são permeadas de subjetividade de maneira a refletir a hipocrisia social que Lima Barreto pretendia criticar, como se refere na opção [D].

**02** | **C**

Ao usar o pretérito imperfeito do indicativo, o narrador acrescenta forte carga subjetiva à descrição da paisagem como se a cena, embora esbatida, ainda estivesse presente na sua memória. Este procedimento transmite o momento da percepção e o fluxo de sensações vivenciadas pelo narrador, o que distancia o tempo da narrativa do tempo do leitor, como se afirma em [C].

**03** | **D**

O trecho citado expande o conceito enunciado no parágrafo anterior, remetendo ao próprio título, síntese do assunto tratado ao longo da crônica: a velocidade como característica dos tempos atuais. Assim, é correta a opção [D], pois o autor adota um procedimento de generalização, ou seja, apresenta uma opinião



genérica com base no conhecimento de certo número de dados singulares expostos ao longo da argumentação.

04| **B**

É correta a opção [B], pois, ao associar seres humanos com filmes, o autor faz uma crítica à transformação do homem em objeto, por se comportar de acordo com as leis do universo das coisas.

05| **D**

Ao associar horas a senhoras rigorosas e inflexíveis, o autor atribui uma ação própria dos seres humanos a um ser abstrato, o que configura uma personificação, como se enuncia em [D].

06| **D**

Segundo o autor, o homem tenta desesperadamente controlar o tempo, o que é impossível de ser alcançado. Assim, a frase citada em [D] é a que melhor expressa esse comportamento obsessivo na busca de algo inacessível: “sua, labuta, desespera com os olhos fitos nesse hipotético poste”.

07| **D**

O fragmento do texto que exemplifica o recurso da adição está em [D]. Isaías Caminha, depois de demonstrar preocupação com o relato público da sua vida atribulada e com a receptividade que a obra viesse a ter por parte do público, expressa seus maiores desejos: sensibilização das pessoas que desconhecem as dificuldades por que passam jovens como ele e inspiração para outros escritores, talvez mais hábeis que ele, para descrever as situações que narrou.

08| **C**

Isaías Caminha esclarece que os “literatos” a que se refere são os escritores de capacidade intelectual reduzida e que, incapazes de adotarem um estilo individual, se limitam a repetir técnicas literárias de outros já consagrados, convencidos de que a beleza estética não pode ser atingida através de recursos inovadores

(“São em geral de uma lastimável limitação de ideias, cheios de fórmulas, de receitas, só capazes de colher fatos detalhados e impotentes para generalizar, curvados aos fortes e às ideias vencedoras, e antigas, adstritos a um infantil fetichismo do estilo e guiados por conceitos obsoletos e um pueril e errôneo critério de beleza”).

09| **A**

Dedução é a conclusão inferida após a análise dos fatos, a dialética interpreta os processos antitéticos que tendem a se resolver numa solução-síntese, e o silogismo é o raciocínio que parte de duas proposições para delas deduzir uma terceira. Assim, o método de argumentação que parte de fatos ou dados particulares para elaborar princípios gerais ou inferir uma conclusão é o indutivo, método implicitamente referido em “*só capazes de colher fatos detalhados e impotentes para generalizar*”.

10| **B**

As exclamações, que emprestam forte carga subjetiva às frases nominais (“quantas dores, quantas angústias!”, “que espanto! que sarcasmo!”), revelam o sentimento de mágoa do narrador perante a hipocrisia social em que se sente mergulhado.

11| **D**

Na frase da opção [D] existe metalinguagem, ato de comunicação em que se usa a linguagem para falar sobre a própria linguagem.

12| **D**

Na frase da opção [D], transcreve-se um julgamento autocrítico de Isaías Caminha. Ao perceber que nem um escritor mais hábil que ele conseguiria descrever expressivamente o conflito que vivia naquele momento, o personagem admite que não possui habilidades técnicas que reconhece em outros, no entanto, também insuficientes para que até eles pudessem descrever a forte carga emotiva que o abalou (“Imagino como um escritor hábil não saberia dizer o que eu senti lá dentro. Eu que sofri e pensei não o sei narrar”).